

ENSINO DE HISTÓRIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Therezinha Nunes - ISE – Anísio Teixeira e UNI –BH.

Assim se impõe ao súdito da lei: “Os antigos a praticaram”, ou “outros assim acreditaram e fizeram”, ou ainda: “Tu mesmo, tu levas já no teu corpo a minha assinatura”. Michel de Certeau.

A minha proposta para o Simpósio temático - Da relação do saber: condições de produção, transmissão e aquisição de saber histórico é a de refletir a formação de professores a partir do Curso Normal Superior, experiência recente e que surgiu no bojo de inúmeras resistências. É uma busca de compartilhar dúvidas e desafios com professores de didática da História e, pode servir até mesmo ao ensino de outras disciplinas, com vistas a apurar como ensinar a ensinar a história. Tenho percebido ao longo dos anos que as pessoas remetem aos conhecimentos adquiridos em períodos anteriores de formação e resistem ao aprendizado do novo. No caso da História, e creio que também em outras disciplinas, os alunos/as professores/as possuem uma representação da história ensinada na escola e quando são confrontados com a historiografia e chamados a pensar a construção do conhecimento histórico deparam-se com o novo, o desconhecido e articulam táticas de resistências. Acredito que a maioria dos professores de História enfrentam problemas similares e já ouviram dos alunos que não gostam da disciplina, porque ela muda constantemente e possui várias interpretações. Rever os conceitos de ciência, cultura, tempo, espaço, fontes e muitos outros são fundamentais ao ensino do ensino de História, mas são difíceis de serem ensinados e nem sempre são apropriados com facilidade.

Leciono a disciplina história no ensino fundamental e médio há 30 anos e já participei, algumas vezes mesmo como co-elaboradora de propostas de reformulações oficiais do ensino de História. O término do meu mestrado em Educação coincidiu com a implantação dos curso normais superiores e surgiram oportunidade de trabalhar em dois cursos normais: o ISE-Anísio Teixeira em Ibirité e o Normal Superior do UNI-BH. O primeiro curso foi implantado primeiro, em uma instituição que até então não tinha curso superior, mas com larga tradição educacional, a Fundação Helena Antipoff. O segundo nascia em um centro universitário que possui uma larga experiência em formação de professores em Minas Gerais e foi a primeira faculdade particular de Belo Horizonte criada para formar alunos em cursos noturnos. As reflexões aqui feitas vêm de trocas, uma vez que nos dois cursos existem aberturas institucionais e envolvimento dos grupos de professores com o trabalho em equipe e a construção coletiva do currículo.

A minha formação como professora de História teve origem como estudante do interior de Minas Gerais, formada em curso de magistério secundário. Vim para Belo Horizonte no final da

década de 1960 para estudar na Faculdade de Filosofia - FAFICH - UFMG. Naquele final dos anos 60 e início do setenta, em pleno regime autoritário militar, eu licenciara em História e sonhava com uma carreira acadêmica. Iniciei trabalhando em duas faculdades do interior de Minas, fiz o curso no Departamento de Ciência Política e não concluí a dissertação de mestrado. Minha maior atuação e da qual me orgulho foi no magistério do ensino fundamental em redes públicas e, em especial, na rede municipal de ensino de Belo Horizonte, onde experimentei o aprender a pensar e ensinar história, compartilhando estudos e desafios com o grupo.¹

Iniciar esta comunicação com um breve relato da minha trajetória profissional faz sentido para refletir a prática de formação das professoras do ensino fundamental no Curso Normal Superior e é também reflexão da minha própria formação. Nestes cursos iniciei com as disciplinas História da Educação, com ênfase na reflexão histórica, mas também sociológica e antropológica da formação da identidade profissional. Daí emergiu a preocupação com currículo, conteúdos, competências para a formação inicial e continuada de professores do ensino infantil e fundamental.

O curso de mestrado com ênfase na Sociologia e História da Profissão Docente e a recente experiência com a História da Educação me levou de encontro às pesquisas de formação docente que buscam explicar a formação dos professores a partir da compreensão de memórias e trajetórias de vida de professores em pesquisas de autores com diferentes preocupações, históricas, sociológicas e pedagógicas, mas que possuem em comum a preocupação em relacionar: formação, construção da identidade profissional, pesquisa e construção de conhecimentos e saberes específicos. Pesquisas diversas e das quais são significativas os livros organizados por (Nóvoa, 1995, 1995, 1997).

Concomitante ao trabalho com a História da Educação fui chamada a trabalhar um Tema de Estudo cuja proposta era o de refletir a memória e acompanhar o desenvolvimento da escrita do memorial dos alunos e estava colocada para mim a perspectiva futura o trabalho com os conteúdos metodológicos do ensino de História, que remetia a minha experiência anterior no Ensino Fundamental. Hoje encontro-me às voltas com as duas disciplinas, História da Educação e Didática específica da História, que embora em campos diferentes se complementam, sem deixar de ser um duplo esforço para acompanhar de perto as produções acadêmicas das duas áreas.

Percebo o trabalho com a memória das professoras, apesar do uso da linguagem escrita com possíveis relações teóricas e epistemológicas com a metodologia da história oral e na interseção das áreas de história da educação, história e memória, sociologia, didática geral e específica e no estabelecimento de relações entre formação profissional, produção e aquisição de conhecimento e formação para ensinar a ensinar. Esta posição é assumida hoje por um grupo expressivo de pesquisadores com uma vasta produção acadêmica e que por impossibilidade tempo no desenvolvimento do trabalho e aqui nesta comunicação vou me remeter mais aos trabalhos que

primeiro me chamaram atenção como os de (Bueno, Catani e Souza, 1998), (Catani, 2001), (Freitas, 2000). Dentre as obras referidas, “A vida e o ofício de professores” foi a que chamou atenção, minha e do grupo, para a possibilidade de trabalhar a teoria e a prática na formação dos professores a partir do memorial concebido como uma primeira incursão reflexiva na vida escolar e na formação inicial e continuada.

Quando assumi trabalhar com o Tema de Estudo Memorial no ISE - Anísio e no semestre seguinte, o Ensino e Pesquisa II no UNI-BH, tinha objetivos de:

- Refletir sobre a trajetória escolar e profissional dos alunos.
- Buscar na história de vida temas para a pesquisa do trabalho de final de curso.
- Identificar nos relatos a cultura da escola do ensino Fundamental: cotidiano, saberes escolares, currículos, práticas e representações.
- Buscar as representações contidas nas narrativa da vida escolar.
- Interpretar as representações das práticas formativas e como os professores/as as projetam em suas vivências de ensino.
- Perceber as mudanças e apropriações dos/as alunos/as de concepções teóricas de no decorrer do curso Normal Superior.

A leitura da literatura a respeito da possibilidade de uso da memória como início de formação de professores, as discussões com colegas de outras áreas, didática, sociologia, filosofia, psicologia, história e a minha formação histórica e no ensino de história me levavam a crer que estava frente a uma nova possibilidade. A minha surpresa foi grande quando no trabalho com os/as alunos/as do Curso Normal Superior pude perceber o quanto o autobiografia era importante para a formação do educador em vários aspectos tais como: apresentava uma primeira reflexão da formação e já apontava para a apropriação de novas concepções logo no início do curso. A minha expectativa foi ultrapassada quando apesar da exiguidade do tempo para o estudo teórico das questões que envolvem a construção e a reconstrução da memória uma parcela significativa dos/as alunos/as foram capazes de narrar e de certa forma refletir a própria vivência a partir de leituras e discussões em sala e apresentaram trabalhos com marcas aproximadas do formato acadêmico. Os trabalhos apresentavam folhas de rosto, títulos sugestivos, epígrafes, dedicatórias, sumário com títulos que demarcavam passagens significativas das suas vidas, conclusões e algumas análises feitas à luz da leituras teóricas.

As turmas nas duas instituições são heterogêneas, na maioria composta por mulheres, de diferentes faixas etárias, formações e experiências diversas. Uma parcela significativa exerce ou já teve experiência no magistério, ou em atividades na escola como secretárias, disciplinares, ajudantes de serviços gerais. Um grande número é composto por alunas casadas e as solteiras são responsáveis pelo próprio sustento e contribuem para a renda familiar. Os relatos foram colhidos no

ISE - Anísio Teixeira e fiz os registro com objetivo de elaborar um texto que devolvesse para os alunos a leitura e a reflexão acerca das suas escrituras.

O memorial aponta para a cultura e o currículo escolar

Os memoriais em sua grande maioria enfatizam as contradições no cotidiano escolar articuladas entre estratégias de poder e o engendramento de táticas de resistências.² Neste sentido, enfatizam relações entre expectativas e a realidade vivida das crianças, professores, família e escola. São relações escolares entre práticas normativas e disciplina escolar, prazer e desprazer, momentos agradáveis e constrangimentos. Para este trabalho fiquei muito atenta à produção do saber escolar e aos conteúdos disciplinares. Percebi que os professores/as- alunos/as ao falarem da escola em que estudaram e da escola onde trabalham como professores apontam no presente para as práticas da sua formação escolar. É significativo que ao relatarem sobre as disciplinas e os seus conteúdos nas séries do ensino fundamental façam referência à alfabetização, ensino de leitura e escrita, e ao ensino da matemática e suas dificuldades. Dos relatos lidos em torno de 90 encontrei referência ao ensino de ciências apenas em um:

“Nunca tinha participado de uma Feira de Ciências . Foi uma experiência nova na minha vida. A escola parava para fazer apresentações dos trabalhos. Era bárbaro. Na 3ª e 4ª séries o nosso grupo conseguiu se classificar em 1º lugar do 1º grau. Foi muito legal. Guardo com bastante carinho as minhas medalhas e os meus troféus até hoje em um cantinho especial na minha casa.” E 1º período manhã.

As referências feitas ao ensino da Geografia e da História são praticamente inexistentes e aparecem apenas como atividades não regulares como as de festas em datas comemorativas, excursões, brincadeiras e práticas esportivas.

Escolhi algumas narrativas para esta comunicação que guardassem relação com as representações das professoras e as suas formas de ensinar. E, neste sentido farei menções as imagens da profissão que impregnam a construção social e de gênero das professoras e professores. A construção social é revelada por várias marcas de discursos que revelam o poder da linguagem do currículo escolar, do papel histórico da mulher e aparece em relatos românticos, idealizados da profissão como:

“Quando consegui estar em sala de aula novamente me senti envolvida numa grande responsabilidade. Olhava para aqueles alunos famintos de conhecimento e pensava: as mães me confiaram seus filhos, a elas devo retorno. E assim fiz. Me dediquei muito e consegui retorno do meu plantel.” L – ISE- Anísio Teixeira - 1º período - manhã.

“Quando aconteceu o primeiro vestibular do ISE eu queria muito fazer, mas nesta época a minha filha ainda era muito pequena e por causa dela desisti. Mas depois percebi que ser mãe é mais um motivo para eu estar bem informada no que diz

respeito a educação, para poder participar da educação dela.” E.- ISE- Anísio Teixeira -1º período – manhã.

Outras vezes reportando ao passado escolar os professores demonstram como apropriaram em seus processos formativos de uma forma de ser e estar no mundo como professores:

“Havia uma professora muito especial que muito me ajudou chamada Conceição (...) Quería mudar o mundo e se preocupava muito com a formação das crianças e quando lecionei após a minha formatura trabalhei muito naquilo que ela havia ensinado e deu certo. V. ISE- Anísio Teixeira - 1º período - manhã.

“Lembro-me do dia mais feliz e mais marcante na escola. O dia em que D. Solange preparou para a turma uma “surpresinha” Era uma incentivoção para introdução da cartilha de alfabetização. Como não tinha consciência disso, para nós todos foi um momento mágico. Eu e toda a turma ficamos no corredor do prédio de frente para a sala onde D. Solange, de porta fechada cuidava dos preparativos o que fez com que todos nós ficássemos mais curiosos e ansiosos. Quando ela abriu a porta... Que emoção ! Lá estava montado, sobre a mesa da professora uma lindíssima maquete que era o cenário do livro de alfabetização que iríamos trabalhar durante o ano: A casinha feliz. S – ISE- Anísio Teixeira - 1º período – noite.”

Com a mesma ênfase a aluna busca a memória do ensino e aprendizagem da matemática:

Aprendi tabuada na amarra. (...) lembro muito das atividades de português, mas as de matemática... era um desespero. Eram folhas e mais folhas de atividades para eu treinar como algarismos romanos, números em seqüência, problemas escritos, operações e relógio. Acho que ela sabia que nunca gostei de matemática (sempre fui um pouco preguiçosa para raciocinar) e era o que justamente ela mais cobrava. A tabuada foi o fato mais marcante da 2ª série. Tive que decorar horas a fio...” Na casa onde eu morava não tinha água encanada. Tínhamos uma cisterna no quintal. (...)

enquanto a minha mãe realizava a árdua tarefa (de retirar água) ia me perguntando os fatos. Eu já insegura e com medo respondia e quando errava ganhava uns tapas e umas broncas e tinha que voltar para os cadernos e a tabuada. S - ISE – Anísio Teixeira - 1º período – noite.

O que encontrei e observei não apenas no memorial, mas na convivência com os alunos em formação, é o quanto métodos, conteúdos da formação escolar permanecem e dificultam a apropriação de novos conhecimentos e concepções de ensino e aprendizagem. Frente a estas recusas muitas vezes me encontro refletindo a música em que Caetano interpreta um dos mitos gregos: “Narciso acha feio o que não é espelho”. Como Narciso, nós professores, quando não instigados a refletir as nossas práticas buscamos no início da formação acadêmica o reconhecimento do que nos foi inculcado. Daí, talvez advenha a explicação das resistências e de querermos uma adaptação, um

acréscimo e não adquirir novos conhecimentos, teorias interpretativas, concepções e métodos que levariam a uma nova prática. A cultura escolar como socialmente construída tende a mudar ou permanecer de acordo com a trajetória de formação dos sujeitos. A escrita dos memoriais revela uma cultura escolar e o importante é que nela deva ser incentivada a releitura, a reflexão das práticas escolares como alunos e como professores. A partir do momento em que o autor da escritura reflete sobre suas concepções e práticas ele tende a confrontar-se com contextos históricos de formação e abre uma brecha para a entrada do novo. É neste sentido que concordamos com a proposta de (Catani, 1997) da Didática como Iniciação e do uso de relatos biográficos como recurso de formação.

Referências Bibliográficas

- BUENO, Belmira Oliveira, CATANI Denise Bárbara, SOUZA, Cynthia Pereira de. *A vida e o ofício de professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração*. São Paulo: Escritura, 2000.
- CATANI Denise Bárbara. A Didática como Iniciação: Uma alternativa ao processo de formação de professores. In: CASTRO, Amélia Domingues de e CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (orgs) *Ensinar a ensinar: Didática para a escola Fundamental e Média*. São Paulo; Pioneira, 2001. pp 53-72.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FREITAS, Maria Tereza Assunção. *Memórias de Professoras: Histórias e histórias*. (org) Juiz de Fora: UFJF/Musa, 2000.
- NÓVOA, António. (Org). *Vidas de professores*. (org). Portugal: Porto Editora, 1995
- NÓVOA, António. (Org) *Profissão Professor*. Portugal: Porto Editora, 1995.
- NÓVOA, António. (Org) *Os professores e sua formação*. Portugal: Publicações Dom Quixote, 1997.

¹ Nesta época ministrei um mini-curso junto com a professora Laura Nogueira Oliveira no Encontro Regional da ANPUH em Mariana com as questões metodológicas e históricas que enfrentávamos à época.

² Certeau, 1994. 99-102